Conclusão

O encontro do pesquisador com um dado objeto de investigação tem conseqüências para ambos. Em princípio, a entrada do investigador no campo em estudo deve ser considerada como uma intervenção, na medida em que, daí por diante, neste lugar algo é produzido, em decorrência de sua presença. Em segundo lugar, o próprio objeto de estudo modifica-se constantemente, devido à conscientização das indicações trazidas a lume pelo pesquisador. Por este prisma, circunscrevem-se os balizadores, que servirão de esteios para as aproximações teóricas, produzidas em decorrência da vivência, altamente significativa, do investigador, quando se encontra constantemente mobilizado pelas indagações acerca de questões referidas ao recorte que retrata uma nuance da existência.

Cabe salientar que a proposta deste estudo possibilita levantar questões para suscitar discussões e não se prende a estabelecer conclusões estanques.

A singularidade do processo investigativo decorre de a pesquisa se desenrolar numa dinâmica em que há co-participação dos espaços de voz e de escuta, o que é característico de uma modalidade de intervenção. Na situação em questão, enveredou-se por uma metodologia construída em processo, à medida em que a densidade do objeto investigado ia sendo reduzida pela enunciação de autores, oriundos de vários "nichos vivenciais", indicando que, nestas circunstâncias, são desfeitas as fronteiras entre os diversos campos de saber. Não obstante, o acontecer no campo em estudo pressupõe, *a priori*, uma intencionalidade, mas não um método-padrão a ser seguido, visto que o eixo norteador da investigação constitui a tese de que, ao se possibilitar a construção de saber, o processo em pauta é a intervenção. Neste sentido, a comunidade foi convocada a produzir saber, na mediação de um instrumento produtor de imagens. Tal recurso técnico foi enfrentado de várias maneiras: a) como um desafio, por se tratar de uma tarefa que exige do sujeito uma posição, b) com constrangimento, tanto pelo uso do microfone quanto da câmera; c) como iniciativa, no sentido de proporcionar o interesse em fazer comentários, observações, acabamentos e diversão e, d) como algo que confere presença ao sujeito, sendo esta a função mais importante do vídeo. Ressalte-se que a ampliação da voz, no microfone, é

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

também indicativa da presença e da certeza de ser escutado e do destaque entre os participantes. Em outras palavras, por meio do vídeo e do áudio o sujeito se faz visto e se faz ouvido, podendo, em decorrência disto, ter acesso à condição de notoriedade ou à condição de inibição, diante das provas concretas que estes dispositivos oferecem. Apesar de o vídeo causar inibição, esta sensação não culminou com a paralisação, à medida que a imagem técnica disponibilizou para o sujeito o acesso a "um canal" de registros memoráveis e, assim, ele se encorajou a abordar, em público, suas próprias vivências. Em alguns momentos, o andamento do processo foi de tal natureza produtivo que alguns participantes se encarregaram de exercer a função de facilitadores, tanto na criação de meios para viabilizar ao outro uma condição de estar presente, quanto na atenção que lhe foi endereçada.

Do exposto, depreende-se que a câmera teve, neste contexto de investigação, a função de desconstruir o processo de captação de imagens, uma vez que o intuito era o de propiciar uma outra modalidade de relacionamento, construída por meio de artifícios técnicos, ou seja, não somente contemplar a imagem e tomar a satisfação imediata como o suficiente: é preciso refletir sobre o que há de mais habitual, mas também sobre o que há de estranho nos hábitos e nos costumes. Deste modo, o sujeito é convocado a estar atento a si mesmo, sendo o resultado disto a produção de saber.

A chamada do sujeito para esta modalidade de atenção é geradora de tensão, pois, neste tipo de intervenção, ele é constantemente afetado, sendo confrontado com impasses em relação aos quais se poderá mobilizar para produzir soluções.

Assim, o campo ético de investigação circunscreveu-se aos termos da possibilidade de fornecer ao sujeito, implicado no processo de investigação, o direito de ver, de ser visto a olho nu, de ser visto pela imagem técnica, de se ouvir e de se fazer ouvir, numa dinâmica em que o engajamento de atores foi a tônica das ocorrências. Nisto, então, teve lugar a questão da estética, quando foi possível estabelecer comparações entre os modelos midiáticos e a própria condição subjetiva de cada um, revelando, assim, uma postura política no tratamento de questões divulgadas como estereótipos de padrões, pela mídia. Além do mais, o registro de acontecimentos compartilhados possibilitou a remissão e a recuperação de experiências, no sentido da construção de uma estória, o que coloca o sujeito frente a frente com filigranas de experiências do viver fragmentado, próprio da época atual. Mas não se trata de um reviver e sim de uma reconstituição, com

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

ressignificação, de um momento singular, focalizado como experiências importantes de um passado. Da mesma forma que a experiência com a imagem técnica faz o sujeito se voltar para um passado, também lhe possibilita captar-se em outra dimensão: enquanto espectador de sua própria imagem e, assim, face às nuances de sua subjetividade, ele constrói autoconhecimento. Deste modo, a câmera tem, por assim dizer, uma função ímpar: serve de interlocução, tanto no sentido de o sujeito poder fazer acabamentos provisórios, quanto no de lhe conferir a liberdade de aprofundamento de suas questões, a ponto de enunciar cada vez mais suas intenções de forma clara e precisa, quer dizer, constrói novos sentidos, à medida que o saber, gerado pela interferência da imagem técnica, produz no sujeito uma transcendência e fomenta a esperança de que algo seja feito, daí empenhar-se na formulação de projetos.

Acredita-se, pois, que a imagem técnica opera tanto na relação do sujeito consigo mesmo, quanto impulsiona trocas verbais, que têm valor significativo na produção de subjetividade, numa dada comunidade, não só pela formação de valores, como também pela possibilidade de confrontar tais valores com aqueles que circulam no contexto social. De resto, cabe salientar que a intervenção pela imagem forneceu ao grupo uma concepção de mundo construída por intermédio de palavras, tanto a partir de expressões da ideologia do cotidiano, para questioná-las, ou na fomentação de sistemas ideológicos construídos.

De um modo ou de outro, alcança-se um processo de conscientização, pois a construção alteritária do diálogo dos participantes pode ser considerada como uma conquista, não só na delimitação da responsabilidade de papéis, mas na ciência dos limites a serem enfrentados.

Deste modo, o olhar do coletivo referido voltou-se para questões acerca da cidadania, da privação, do atendimento às necessidades básicas, dos cuidados preventivos e remediativos em relação ao consumo e ao tráfico de drogas, da educação, da delimitação dos papéis parentais junto aos cuidados dos filhos e da circunscrição do que é entendido como sendo o homem e a mulher. Todas estas questões foram alvo de discussões, processo a partir do qual se produziram informações, inicialmente dispersas, mas que, aos poucos, tomaram corpo, nos moldes de um saber compartilhado, produzido consensualmente. Sem dúvida, no âmbito de uma relação dialógica alteritária, caracterizada pelo confronto de opiniões e por identificações, construiu-se um espaço propício para que as trocas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

vivenciadas se vertessem em condições de reestruturação de situações cotidianas da vida, o que ocorreu pela construção de subjetividade crítica e criativa de soluções, respeitando-se os limites próprios da comunidade em questão. É interessante e importante ressaltar um curioso paradoxo: se a mídia cotidiana, ao revelar cenas de destruição, de desmoronamento e de ruínas, estaria indicando um tipo de posição subjetiva sem esperanças, confinando o sujeito a um apriosionamento, a experiência grupal com a imagem técnica, quando foi solicitado um outro modo de ver o espetáculo produzido, contribuiu, em função da dinâmica de processos perceptivos, dos laços identidicatórios, das trocas de informações e do levantamento de questões. À medida que o grupo refletia sobre este manancial de coisas, pôde assumir uma atitude interpretativa e, certamente, deveras criativa, ponto em que o saber, produzido a partir de intervenções subjetivas e do dispositivo técnico, se disponibilizou para o outro, na intenção de sofrer um acabamento ou ter um encaminhamento. Assim, o grupo alcançou um tipo de elaboração sobre a consciência de classes, tendo uma noção clara e precisa da sua própria, razão pela qual o projeto de distribuição de alimentos não se revelou ser apenas de caráter assistencialista, indicando que é mais pregnante a vontade de ajuda e cooperação.

Deste modo, a construção de saber que se sucedeu ao projeto de distribuição de alimentos, no caso o leite, tem o seu valor social, por propiciar vivências por meio de laços identificatórios, por ser motivador, no sentido da formulação de projetos coletivos, por ser um tipo de aprendizagem transformadora e, enfim, por servir de uma espécie de "espelho mágico", em que cada participante, ao se ver, é imediatamente afetado, podendo transformar-se. Pode-se salientar que, se é o alimento que leva o sujeito ao acontecimento grupal, não é o que responde à vontade de permanência, ou seja, o sujeito traz, além da necessidade, outros horizontes, a partir dos quais se disponibiliza a realizar um feito coletivo, cujo resultado é a produção de saber. Deve-se alertar para um fato importante: sem a boa vontade destes serviços, não seria viável a transformação subjetiva. Isto quer dizer que é preciso haver iniciativas no sentido de agregar sujeitos, mesmo que seja pelas suas necessidades, não somente para satisfazê-las, mas para convocá-los a assumirem com dignidade a sua condição de sujeito e de cidadão. Certamente, tais serviços, além de estarem voltados para o atendimento de necessidades, devem primar pela iniciativa de reflexão e pela construção de saber, uma vez que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

propiciam ao sujeito provisões narcísicas, à medida que lhes é oferecido um espaço de reflexão e de produção de uma "escrita", prova cabal de sua existência. Com isto, admite-se que um serviço polarizado na satisfação de necessidades apenas não constrói esteios de continuidade, pois não tem como meta a superação, decorrente das transformações subjetivas.

Igualmente, as iniciativas de combate ao consumo e ao tráfico de drogas devem comprometer os sujeitos implicados a se engajarem num processo de produção da potente arma: o saber.

Enfim, as vozes dos necessitados, dos afetados pelo narcotráfico, dos cônjuges que solitariamente educam e sustentam seus filhos e daqueles que sofrem frente às condições sanitárias precárias têm de ser ouvidas como um apelo que, em uníssono, revela uma experiência vivida, clamando a atenção para projetos políticos comprometidos com segurança, saúde, educação e bem-estar. Sem dúvida, estas vozes ecoam na esperança de que políticas públicas direcionem seu olhar para o *modus vivendi* de um setor da comunidade e assumam a responsabilidade e o compromisso de oferecer condições básicas ao exercício da cidadania. A esperança, lançada como uma aposta, é a de ver um discurso revertido em ação. Eis o sentido deste estudo: empreender projetos a partir da escuta atenta às vozes destas pessoas, mas de maneira compartilhada. É necessário, ao detectar uma questão, não perder de vista o seu aspecto principal, para não deixá-la cair no esquecimento e no vazio.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA